Projeto social e ensino de música: olhar dos alunos e do professor em uma pesquisa exploratória.

Comunicação

*Livia Figueiredo de Alencar e Silva
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
liviafigueiredoas@gmail.com*

Resumo: Este presente trabalho traz dados e análises feitos a partir de uma pesquisa exploratória acerca do ensino de música em projetos sociais, mais especificamente no polo de piano do projeto PRIMA, em João Pessoa-PB. O objetivo dessa pesquisa é relacionar a literatura estudada na graduação da licenciatura em música acerca do ensino em projetos sociais com uma situação real e prática desse fazer musical. Para isso, foram conduzidas entrevistas com o professor responsável do polo e alguns alunos, buscando assim compreender a relação destes com a música e as repercussões que ela causa em suas realidades.

Palavras-chave: Educação musical; Projeto social; Projeto PRIMA;

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais, o ensino de música tem sido amplamente promovido em espaços não formais através de projetos que visam a inserção social dos indivíduos em situação de vulnerabilidade social. Seja através de funções essencialistas ou contextualistas ou até da articulação entre as duas, como explica Penna (2012, p.66), o fato é que esse espaço de atuação para o educador musical tem crescido bastante. Juntamente a esse crescimento, a sociedade tem atribuído à música uma função que transpassa a formação musical em si, abrangendo também a formação humana do indivíduo, especialmente nesses projetos de ação social, mas Kater (2004, p.44) afirma que nem sempre essa demanda social é cumprida,

visto que muitos optam por ofertar a música apenas como um passatempo, e acabam por não explorar toda a potencialidade formadora que poderíamos encontrar na educação musical. Quando explorada, porém, essa potencialidade, é possível colher frutos bastante consistentes:

a educação musical a eles [jovens em situação de vulnerabilidade social] oferecida (ao lado das oportunidades de maior contato, exploração e desenvolvimento de seus potenciais musicais) ao visar a promoção humana também os auxilia a se estruturarem e a se organizarem pessoalmente, a experimentarem novas modalidades de relacionamento, tomarem contato com outras ordens de valores e outros parâmetros de referência. Essa parece ser uma forma coerente e atual de assegurar condições de integração social com qualidade. (KATER, 2004, p.49).

Dessa forma, é possível atestar a grande importância que esses projetos podem ter na vida dos indivíduos que por eles passam, ensinando aspectos técnico-musicais, mas também desenvolvendo um conjunto de habilidades sociais, de percepção de mundo e de autovalorização.

Na Paraíba, um dos grandes projetos sociais que oferta o ensino de música como meio de inclusão social é o projeto PRIMA (Programa de Inclusão Através da Música e das Artes). O programa é uma política pública do Governo do Estado da Paraíba através da Secretaria de Estado da Educação e em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura, e foi criado em março de 2012, utilizando assim “[...] a música como principal ferramenta para a inclusão social de crianças e adolescentes que moram em comunidades de risco, visando disponibilizar oportunidades de melhoria de vida” (NOVAIS, 2017, p.16).

Atualmente, conta com 25 polos de ensino distribuídos por 15 cidades da Paraíba (João Pessoa, Campina Grande, Santa Rita, Guarabira, Catolé do Rocha, Patos, Itaporanga, Cajazeiras, Mamanguape, Bananeiras, Sapé, Sousa, Pedras de Fogo, Monteiro e Picuí). O público alvo do programa são estudantes de escolas públicas e seu objetivo é "promover a integração social, fomentando os princípios dos valores humanos e da cidadania, através da vivência com a música e a dinâmica do universo orquestral", como afirmam em sua página no Facebook, visando levar a música clássica e a formação de orquestras em comunidades com vulnerabilidade social.

O programa tem como inspirações o El Sistema, da Venezuela, e do Neojiba (Núcleos Estaduais de Orquestras Infantis e Juvenis da Bahia). A versão paraibana atende, atualmente, mais de 1,2 mil alunos que estão distribuídos pelos núcleos de formação que incluem orquestras sinfônicas, grupos de câmara, duetos, entre outros. Nesses oito anos de programa muitos frutos já podem ser vistos: alunos saídos do projeto ingressaram na Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba (OSJPB), aprovação de alunos em concursos, em cursos técnicos, como os do Institutos Federais espalhados no Estado, e nos cursos superiores de música (bacharelado, licenciatura) oferecidos nas Universidades Federais (UFPB e UFCG).

“Um aspecto latente na prática musical em projetos sociais é o ensino coletivo de instrumento” afirma Fialho (2014, p. 133), e em 2018, o programa inaugurou em João Pessoa o polo de Piano, que foi idealizado justamente para oferecer aulas coletivas, trabalhando com o Ensino de Piano em Grupo (EPG) com abordagem cooperativa, contando com 10 pianos e várias turmas para atender à demanda.

O ensino de piano em grupo é naturalmente um campo para a cooperação, especialmente, quando as aulas ocorrem em laboratórios com grande quantidade de instrumentos. As metodologias e estratégias do ensino individual não se adequam, na maioria das situações, ao EPG (VIEIRA, 2017, p.66).

A aprendizagem cooperativa é uma metodologia que busca formar grupos em que

os alunos têm objetivos comuns, compartilham material, ajudam-se, incentivam uns aos outros. O desenvolvimento individual é acompanhado para assegurar que todos estão aprendendo. “O grupo é mais que a soma das partes, e todos os alunos tem uma performance maior academicamente do que teria se estivessem trabalhando sozinhos” (JOHNSON; JOHNSON, 1999, p.68 apud VIEIRA, 2017)

“O polo iniciou formalmente no dia 03 de maio com um concerto de pianos com as professoras Josélia Vieira Ramalho e Haruê Tanaka, ambas da UFPB, e o Lic. Edmilson Falcão, egresso da mesma Universidade” (FALCÃO et al, 2019). O Polo conta com um professor licenciado e recebe ajuda, por meio de uma parceria com a Universidade Federal

da Paraíba, de monitores advindos do curso de Licenciatura em Música, que são bolsistas e voluntários da Extensão Universitária e alunos da disciplina de estágio, sendo a autora do texto parte dessa equipe.

A abordagem pedagógica calcada no EPG - Ensino de Piano em Grupo, aplicando a aprendizagem cooperativa durante as aulas, culminou com a criação da primeira orquestra de piano do Estado da Paraíba, composta por todos os alunos distribuídos em 8 pianos em duplas e trios tocando simultaneamente um repertório escrito e desenvolvido para que cada aluno dentro dos seus conhecimentos pudessem tocar de forma conjunta. (FALCÃO et al, 2019, p.11).

O ensino em grupo presume um único objetivo para todos os alunos, “de modo que, aulas em grupo, cujo tratamento seja “aula privada” dentro do grupo, não é realmente aula em grupo.” (VIEIRA,2017, p.79). Dessa forma, opção pelo ensino em grupo entra em conformidade com a articulação de funções essencialistas e contextualistas propostas por Penna (2012, p.66), tendo em vista que “[...] o ensino da música em grupo representa um padrão de trabalho que explora as possibilidades musicais e contexto social do próprio grupo” (THOMPSON, 1983, p.2, apud VIEIRA, 2017), trazendo desenvolvimento pessoal e de habilidades tanto musicais quanto sociais para os alunos.

O Polo de piano tem aberto diversas portas para seus alunos que vão desde a aprendizagem pura e simples do piano até a aprovação no curso de música da Universidade Federal da Paraíba. (FALCÃO et al, 2019.)

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa exploratória teve como objetivo entender o comportamento dos participantes de um projeto social voltado para o ensino de música, tanto professor como alunos, procurando conhecer suas particularidades e experiências pessoais no projeto, além de ver na prática como acontece a dinâmica das aulas.

Adotamos a metodologia de pesquisa com abordagem qualitativa, buscando, então, uma “abordagem sistemática, cujo principal objetivo é compreender as qualidades de um fenômeno específico, num determinado contexto” (ILARI, 2007, p.37 apud PENNA, 2017, p.102). A pesquisa de campo incluiu visita, observação e entrevista com participantes de um projeto de ação social envolvendo o ensino de música, o Programa de Inclusão através da música e das artes (PRIMA), mais especificamente do polo de piano deste, que foi apresentado em nossa introdução.

Penna (2017, p. 128) nós diz que “a observação é uma técnica de coleta essencial e indispensável quando o problema/questão de pesquisa focaliza a prática pedagógica” e acrescenta que além da observação, “uma [outra] maneira reconhecida e comprovada [...] de obter informações consiste em colher os depoimentos de pessoas que detêm essa informação” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 183 apud PENNA, 2017 p.137). Optamos, portanto, pelos recursos de observação de uma das aulas e de entrevistas semiestruturadas, modelo de entrevista “na qual um roteiro básico (com perguntas abertas) é preparado para a condução da entrevista, mas sendo aplicado de forma flexível conforme o desenvolvimento da interação” (Penna, 2017, p.139), individuais com o professor de música e quatro alunos do programa.

Tendo colhido esses dados, vamos então apresentá-los e colocá-los em contraste, comparando os resultados das entrevistas individuais entre si e com a observação feita na visita. Não pretendemos aqui nem contabilizar, nem medir quantitativamente em quaisquer números ou graus a prática musical e educacional relacionadas ao projeto e seu desempenho. Nossa pretensão é de caráter puramente exploratório, com o objetivo de compreender e descrever essas práticas e, por fim, emitir uma opinião pessoal acerca de sua relevância na sociedade.

A visita ao projeto aconteceu em Março de 2020, tendo sido feita uma comunicação prévia com os responsáveis para agenda-la e expor os propósitos da mesma. A escolha da turma para a visita foi feita priorizando a participação de alunos que estivessem a mais tempo no projeto, para que pudéssemos obter informações mais embasadas da experiência deles no programa. Dessa forma, o professor sugeriu uma das turmas que contava com alunos mais antigos e assim a visita foi agendada.

Durante a visita, além da observação da aula, que tem duração de aproximadamente 60 minutos, foram realizadas ao total 5 entrevistas, sendo uma com o professor do polo Edmilson Falcão, e quatro com alunos que preferiram não citar seus nomes, então nos referiremos a eles com os seguintes nomes fictícios: Ana, Maria, João e José.

DADOS

O professor Edmilson possui duas graduações em música, sendo uma o bacharelado em regência e outra a licenciatura em piano, e está no projeto desde 2018, quando foi inaugurado o polo de piano. Segundo ele, o que o levou ao projeto foi a opção dos diretores do polo pela aula coletiva de instrumento, metodologia a qual ele já tinha experiência:

Quando foi criado o polo de piano eles queriam alguém que trabalhasse com piano em grupo, 'aí' a Doutora [Prof. Dr. Josélia Ramalho Vieira, consultora do polo] que 'tava' como consultora indicou meu nome e eu vim através dessa indicação. Trabalhei com ela em 2009 com o piano em grupo.

Ao analisar o currículo do professor, vimos que este tinha feito a licenciatura em música sob a orientação da consultora citada. Durante a licenciatura fez parte como bolsista da equipe do laboratório de pianos que tinha como coordenadora a sua professora de instrumento, citada anteriormente. A professora oferecia piano em grupo em cursos de extensão para crianças, adultos e também em comunidades com vulnerabilidade social. Desta forma, o professor do polo teve uma formação como bolsista e parte integrante dessas ações formativas durante o curso de licenciatura.

Ana está no projeto há aproximadamente 7 meses, Maria há 9 meses, João há 8 meses e José há 3 anos (inicialmente estudava outro instrumento, mas com a abertura do polo de piano resolveu trocar), e todos estudam piano. Eles chegaram ao projeto principalmente através de indicação de conhecidos e movidos por um desejo em comum: aprender a tocar piano. *“Um dia do nada eu tava pensando “piano” o dia inteiro, ‘aí’ eu me interessei.”*, nos contou Ana.

Para esses jovens, aprender piano é um desafio que vale a pena. Fialho (2014) nos diz que:

Comumente a clientela [dos projetos sociais] é formada por crianças e jovens que têm nesse espaço a possibilidade de inverter suas histórias, trocando as negações e privações por uma perspectiva de conquistar uma identidade singular e um lugar na sociedade.

E é possível ver a diferença na vida desses jovens que encontram no projeto um refúgio como afirmou Maria: *"Eu acho que a música, o projeto em si trouxe um refúgio, 'tipo', de calma, sabe? Quando eu toco eu consigo esquecer de tudo, dos problemas, das coisas que fazem a gente ficar meio que pra baixo."*

A aula é dividida em momentos coletivos, quando o professor se dirige a toda a turma e todos tocam juntos, e em momentos individuais, quando os alunos se utilizam de fones de ouvido para cada um treinar sua parte e o professor passa individualmente nos pianos para tirar dúvidas. Essa dinâmica da aula, ao passo que permite evolução individual, enfatiza bastante a ajuda mútua, aproveitando o coletivo para a construção do aprendizado. Durante a aula, foi observado que em alguns momentos era incentivado pelo professor que aqueles alunos que já tinham o domínio de algum conceito ou de alguma música ensinassem tal conceito para os outros ou fossem ao encontro de algum outro aluno que estivesse com dificuldade.

Kater (2004) afirma que *"a educação musical representa uma alternativa prazerosa e especialmente eficaz de desenvolvimento individual e de socialização"*, e mais especificamente o ensino coletivo abre uma gama de possibilidades para esse desenvolvimento e para a socialização. O Professor Edmilson aponta que um dos grandes benefícios que o projeto traz é justamente o ganho social e a formação do indivíduo para a vida coletiva: *"[...] eles ganham a parte de interação social, ganham até na forma de se expressar um com outro. É muita criança individualista. 'Aí' eles aprendem a conviver com o outro. E a questão é grupo, de trabalhar em grupo, isso tudo que tem que se viver"*.

Vemos, assim, um grande ganho de desenvolvimento pessoal e social para os alunos, porém os aspectos técnicos e musicais não são deixados de lado. Quando perguntados qual a melhor parte da aula a resposta foi unânime: *"Tocar!"*, como respondeu

João bastante entusiasmado. José gosta dos desafios: *"Eu gosto de aprender música nova que é difícil..., mas depois que eu aprendo fica fácil. 'Aí' eu gosto de fazer isso, aprender música que é difícil pra mim."*. As aulas são mescladas entre a parte teórica e a parte prática, e ambos alunos e professor compartilharam uma grande motivação de estar ali. Na parte prática, Edmilson afirma que seguem *"[...] um repertório bem misturado entre erudito e popular, vai ter desde o Alok até as músicas de Chiquinha Gonzaga"*, o que deixa os alunos entusiasmados e satisfeitos por sentirem seus gostos pessoais contemplados e ao mesmo tempo poderem conhecer e tocar estilos gêneros diferentes do que já escutam.

Diante de tantos acertos, o professor citou o que pra ele é o maior desafio:

É a infraestrutura. Porque você tem os pianos, mas não tem os fones de ouvido. Tem os pianos, mas alguns são quebrados e não tem o recurso pra consertar [...] Nós estamos com, são 10 pianos, estamos com 4 funcionando de forma integral, os outros 6, há 4 funcionando parcialmente e tem 2 parados totalmente.

Porém, os problemas estruturais não são motivo de desmotivação para o professor, que contorna a situação levando recursos próprios vistos na observação. Os alunos, quando perguntados sobre motivos de uma possível desmotivação, foram enfáticos em dizer que não encontravam motivos. Maria explicou que: *"Acho que a busca pelo conhecimento faz com que a gente tenha essa persistência, essa motivação de ta aqui."*

Quando perguntado quanto à sua formação para dar aula em projetos sociais Edmilson nos contou que

Só vivemos isso na prática. Assim que criou-se o PianoLab, o antigo LECT, a gente fez uma extensão no Renascer II [...] Ai lá teve esse contato com essas crianças mais na prática. De coisa formal tem só os textos, que você tem que ler, mas em termo de prática foi lá mesmo, na extensão que a gente deu aula de piano em grupo.

Estando de acordo, então, com o pensamento de Fialho (2014) que afirma que *"O professor que visa a atuar em projetos sociais precisa, durante sua formação, experiência o ser professor em um projeto social, com todas as suas características."*

CONCLUSÃO

A partir desta pesquisa, pudemos perceber na prática a real relevância e importância da educação musical em projetos sociais, quando explorada em suas potencialidades formadoras tanto técnico-musicais quanto individual e social. Os alunos encontram no projeto um espaço para se desenvolver, se expressar e vislumbrar diferentes possibilidades de vida.

Para alguns dos alunos, a música é como um *hobby*, que os transporta para um lugar seguro e o ajuda a enfrentar o dia-a-dia de forma diferente. Para outros, a música se tornou um sonho e ambição profissional, se mostrando como possibilidade de uma vida digna. Em ambos os casos, foi possível perceber nos alunos algo em comum: a dedicação e perseverança que se estendem para além das teclas pretas e brancas do piano e alcançam outras áreas das suas vidas.

As aulas coletivas, trabalhando com o Ensino de Piano em Grupo (EPG) com abordagem cooperativa, são peças de extrema importância nesse contexto para a formação pessoal e social dos alunos, assim como a musical, tendo sido apontado por professor e alunos como um dos grandes benefícios do projeto. Os alunos encontram nos colegas pontos de apoio e ajuda mútua dentro e fora da sala de aula, fato possibilitado pelo empenho do professor em promover um ambiente de livre comunicação e troca de experiência através da cooperação.

Por fim, frisamos aqui a importância da formação adequada do educador musical, que vem a ser uma peça fundamental na vida desses jovens. Uma formação que articule teoria com prática, e que dê a oportunidade e os recursos necessários para que o educador musical ofereça aos alunos o máximo de possibilidades de desenvolvimento possível.

Referências

FALCÃO, José Edmilson Coelho; SANTANA, Priscila Silva; VIEIRA, Josélia Ramalho. O polo de Piano – Casarão dos Azulejos do PRIMA: o processo de cooperação na implantação, consolidação e desenvolvimento do Ensino de Piano em Grupo em um projeto social. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 24, 2019, Campo Grande. *Anais...* on-line.

FIALHO, Vania Malagutti. Ser professor de música em projetos sociais: aspectos da formação e atuação. In: SOUZA, Jusamara. *Música, educação e projetos sociais*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014. p.123-136.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 10, 43-51, mar. 2004.

NOVAIS, Alexia Priscila Souza. *O papel transformador da música no PRIMA (Programa de Inclusão através da Música e das Artes) do pólo de Guarabira-PB*. 2017. 28 p. Trabalho de

Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Humanidades, Guarabira, 2017.

PENNA, Maura Barros; O. R. N. MELLO, M. R. Educação musical com função social: qualquer prática vale? *Revista da ABEM*, Londrina, v.20, N.17, 2012.

PENNA, Maura Barros. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em Educação e Música*. 2ª Edição. Porto Alegre: Sulina, 2017.

VIEIRA, Josélia Ramalho. *Efeitos da aprendizagem cooperativa no ensino de piano em grupo para licenciados em música: uma pesquisa experimental*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017.